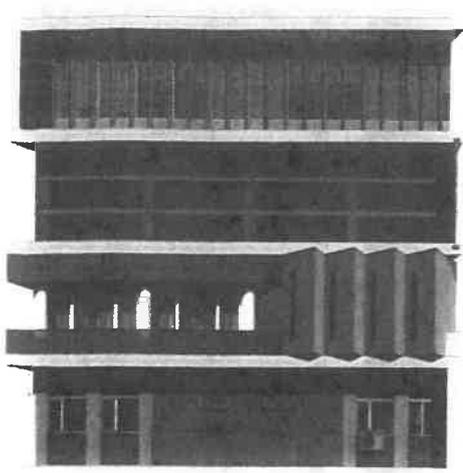
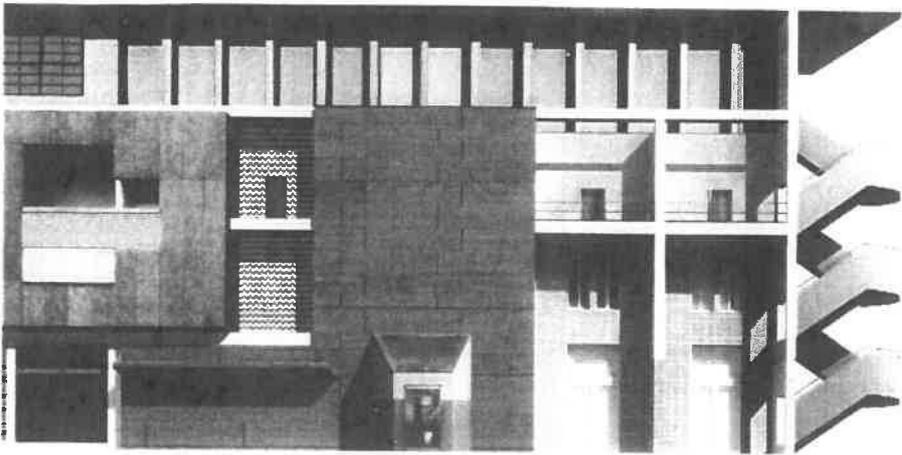
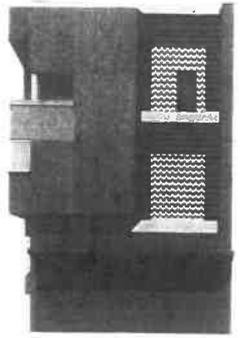
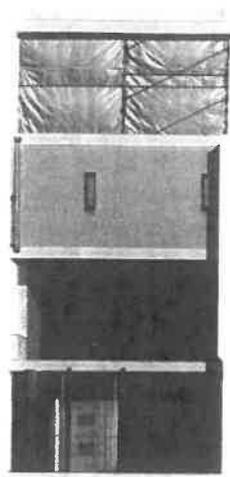


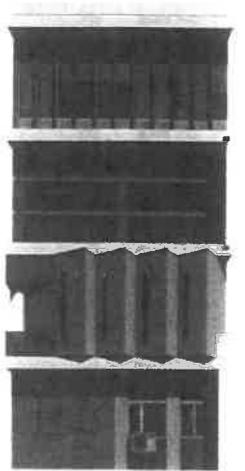
2



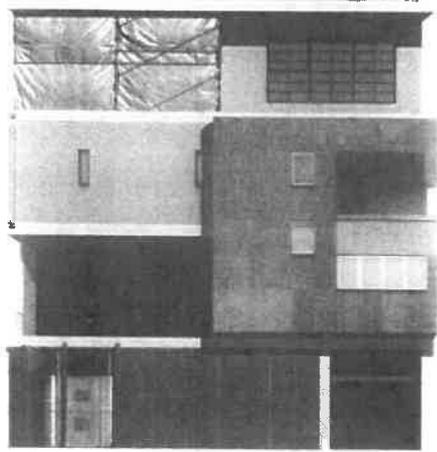
C



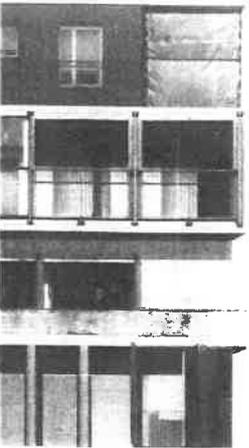
O



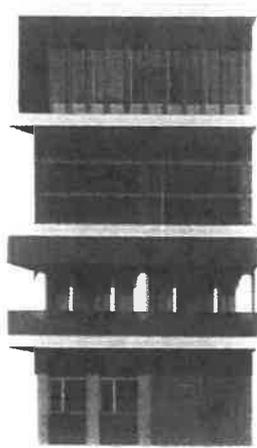
M



P



O



R

COMPONDO A FAUP

— Gonçalo Furtado

(Universidade do Porto, Fevereiro 2019)

64

1. Na linguagem corrente a ideia de “composição” pode remeter para uma sistema organizado. No Dicionário da Língua Portuguesa o termo surge definido como:

“n.f. 1. acto ou efeito de compor; 2. forma como os elementos de um todo se organizam; constituição, organização, formação, disposição; 3. todo resultante da disposição das partes componentes; combinação; 4. aquilo de que uma coisa é constituída; estrutura; 5. Produção literária, artística ou científica; ... 7. Música arte de compor; ... 12. Proporção em que os elementos se combinam para formar um composto; ... Do Latim *compositione*, “acção de juntar: composição, arranjo”. Grande Dicionário Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2010, p.393.

Tendo em conta as preditas definições, entendemos pois tratar-se de um termo obviamente relevante para reflexão arquitectónica, razão decerto porque os editores da revista MA o elegeram como tema de reflexão do presente número.

Conceptualizando “arquitectura” como disciplina historicamente constituída em proximidade (também) com a Arte, o acto de composição é omnipresente na disciplina. Requer acção complexa, não meramente formal ou geométrica, mas também eminentemente simbólica e propositiva.

No “projecto”, o desenho que o motoriza constitui acção central, dessa operação aproximadora a uma forma-ideia espacial sígnica. Desenho como acto de designar, de dar nome, de re-conhecer e partilhar. E operação de aproximação que transcrevendo/identificando imagens mentais transpostas para o papel, organiza uma multiplicidade de dimensões - do programa à antevisão da experiência - numa proposição consistente senão coerente.

Tal proposição é tanto de um espaço específico, geralmente passível de materialização construtiva, como de uma ideia de habitar enquanto partilha de visão subjectiva do mundo. Com isto quero dizer que, pelo projeto antecipamos uma realidade inexistente, simultaneamente à projecção de uma ideia para o habitar humano, que ousamos partilhar. Por isso, a composição não é, em Arquitectura (e mais concretamente na prática do projecto), uma mera articulação de formas desprendidas de significados múltiplos e intrínsecos. Mas antes uma expressão de ideias, linguagens e pensamento arquitectónico em acção.

Diga-se também que, no limite, a composição em Arquitectura poderá remeter também para a articulação de ideias teóricas, somente. Estou ciente que tal é discutível. Mas neste sentido, é viável incluso um projecto, essencial e existencialmente, unicamente teórico, e incluso passível de ser unicamente expresso por ideias-palavras, eventualmente escrito em forma textual. Ressalvando-se também que, por outro lado, uma "construção", quando significativa enquanto arquitectura é, por vezes, uma concretização de teoria por excelência. Expressa teoria, ou pelo menos uma certa ideia de teoria que não se quer reduzida à prática do pensamento, à prática da escrita, nem à prática reflexiva abstracta.

2. O termo "composição" integra o léxico de varias disciplinas, da Arte e Arquitectura à Música.

Juan Corral alude ao termo num pequeno "Manual de crítica da Arquitectura". Sem nos estendermos, podemos sintetizar que para aquele, a "Crítica é uma poética. uma nova criação" (p.207). "Propõe uma crítica como poética. I.e. como busca de palavras que estabeleçam com a obra e o autor de arquitectura um diálogo inerente a toda a criação" [p.contracapa]. A seu ver, a crítica sucede a teoria: "A crítica fala-se fundamentada também pela teoria, de que recebe a sua razão interpretativa. seu critério. diz Morales".(p.36) Defende "fazer crítica e não teoria" (p.39), deixando nós para outra oportunidade a distinção entre dessa dualidade, tanto mais pela proximidade que existe no ensino da FAUP entre as duas.

Mais importante para o que agora nos prende, é o facto de Corral nos recordar a importância da composição em Música, exercício difícil e exigente, consignado ao final dos estudos nessa disciplina, reclamando domínio dos instrumentos e linguagens.

(Faça-se um aparte para referir que no ensino de teoria na FAUP, podemos dizer que TGOE providencia uma familiarização introdutória a elementos/vocabulário da arquitectura. Mas já Teoria 1, entende-se enquanto contacto com as ideias/linguagens de Arquitectura).

Recorda-se então que a "criação num papel branco" (que tanto intimida o aluno do primeiro ano), não significa, a nosso ver, criação a partir do nada. Não a partir do nada, porque uma "composição" busca mais do que agregação de coisas ao acaso, uma busca de algo novo, regida pelo propósito de unidade, bem como pelo princípio da consistência/harmonia do todo com as partes constituintes.

Nos estudos de arquitectura, por exemplo na Espanha de Corral, existem de facto mesmo disciplinas denominadas pelo termo "composição".

Corral, opta por apelar a uma "alma" anterior aos elementos da arquitectura, sendo que para Alberti a alma - harmonia da arquitectura - era algo próximo da simetria; mas tal alma a existir é algo mais amplo e próximo da dramaturgia.

Falando da forma como uma criança desenha uma bola numa folha branca, Corral remete-nos para o equilíbrio de pôr uma coisa noutra. E depois prossegue falando-nos do equilíbrio histórico da tríade, acabando com a dualidade proposta por Venturi no pós-moderno "Complexidade e contradição em arquitectura".

Esse constitui, no seu sentimento exageradamente generoso: "argumento sólido e brilhante...uma passagem por todas aquelas arquitecturas que assumiram o objectivo de composição dual face à simplicidade dos termos únicos e à naturalidade das tríades... Uma realidade detectada e analisada não só nos elementos mais formais da planta ou da fachada, senão em todos aqueles temas em que pode aparecer a tensão, entre o um e o outro - o interior e o exterior, a dupla função, a escala do domestico e o monumental, a adequação dos modelos ideais às circunstancias concretas, etc". (p.192)

Não é aqui o momento propício para nos estendermos relativamente a nossa ideia de pós-modernidade que inclui o neo-moderno.

Certo é que o posterior avanço para além da dualidade e do triádico, defronta-se com dificuldades mais complexas. Em grande sentido, Álvaro Siza ou a ambigualmente apelidada Escola do Porto, veio exemplarmente optar por equilíbrios de composição mais complexos, num deliberado artístico e político forçar das leis da composição formal e da mais fácil apreensão.

Ainda que também pudéssemos quiçá apropriar a expressão de Corral relativamente aos artistas das vanguardas modernas - "ao forçar as regras da composição... os artistas decidiram que a obra de arte não necessitava de unidade alguma e optaram por romper tal marco..., mas as suas experiências...em vez de abolir a unidade compositiva, adquiriram para si um capítulo bem unitário na História da arte". (p. 193)

Para mim, é relevante não deixar de atender que o Regionalismo Crítico muitas vezes mal entendido, seja contemporâneo à denominada estratégia conceptual da Desconstrução (i.e. o projecto construir desconstruindo significados). Tornando-se produtivo ensinar-se hoje para lá dos valores tanto antigos como comuns da composição. Deve também "ensinar-se de imediato essa decomposição que constrói desconstruindo". (p. 194)

67 Não nos interessa agora tanto se concordamos com Corral relativamente à arte abstracta ou discordamos relativamente ao entendimento de algum arquitectura da sua geografia (como a de Miralles), ou nem relativamente ao legado da Escola tipológica ou mesmo no impacto nos estudantes das modas do Starsystem. Porque o propósito de uma escola que se quer teoricamente forte, não é só para saber onde estamos. Mas para o distinto entendimento de uma arquitectura enquanto proposição permanentemente reflexiva. Um "projecto crítico" (Furtado, 2004), onde a Teoria mais que promover esta ou aquela prática, problematiza a sua historicidade, condições e propósitos para a prática lhe contemporânea, e fins sociais.

Não se podendo pois considerar como ingénuo, a ainda crença no benefício de providenciar via "Teoria" ferramentas para a crítica, projectual. Ou dito de outra forma, de se propiciar um conhecimento de linguagens do pensamento arquitectónico (i.e. Teoria tout court e distinta da História), propiciando a construção de uma "caixa de ferramentas" (definição dada à Teoria por Neil Leach) por parte de cada aprendiz a futuro arquitecto. Por uma criticidade que só pode surgir do conhecimento da Teoria, nascendo dela, sem sobreposição com a necessária História. Uma crítica que longe da "peste de vocábulos vazios" que contemporaneamente também indigna a personagens como Corral, emane da "teoria que propunha Morales, como fundamentadora do fazer". (p.20)

E na nossa Escola do Porto, temos pelo menos continuado a tentar saber pensar como fazer. Isso era algo que o Francisco bem percebia, e em que sei sempre concordámos.